



SOBREVIVENDO NO INFERNO E A EMERGÊNCIA DA RAZÃO SUBALTERNA: UMA LEITURA CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA

Indayá de Souza Nogueira¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo da obra *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais Mc's, e sua relação com o conceito de razão subalterna (MIGNOLO, 2003) a partir da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2010). A obra de Racionais Mc 's foi escrita na década de 1990, marcada pela violência organizada e direcionada à população negra marginalizada, em eventos como o Massacre do Carandiru e a Chacina da Candelária. Dentro desse contexto, o grupo de rap identifica em suas letras o gerenciamento da miséria por meio da violência e emerge no cenário cultural nacional, despertando uma geração que se via sem saída e trabalhando no processo de autorreconhecimento das periferias brasileiras, alcançando sua maturidade estética e crítica com o lançamento de *Sobrevivendo no Inferno* em 1997, que foi posteriormente transcrito no formato de poesia em 2018, pelo professor Acauam Silvério de Oliveira. Desse modo, partindo do conceito de razão subalterna (MIGNOLO, 2003, p. 139) e à luz da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2010) objetivamos refletir a sobre a emergência dos intelectuais Racionais Mc 's no cenário cultural brasileiro a partir do seu *biólócus* (SOUZA, 2021) e de sua escrita autobiográfica. O recorte dessa teorização conta com as seguintes obras: *Narrativas Impuras* (2021) de Eneida Maria de Souza, *Histórias locais/projetos globais* (2003) de Walter D. Mignolo, *Sobrevivendo no Inferno* (2018) de Acauam Silverio de Oliveira/ Racionais Mcs, e *CADERNO DE ESTUDOS CULTURAIS* (2010).

Palavras-chave: Racionais Mcs; Sobrevivendo no Inferno; razão subalterna; crítica biográfica fronteira.

SURVIVING IN HELL AND THE EMERGENCE OF SUBALTERN REASON: A CRITICAL BIOGRAPHICAL FRONTIER READING

Abstract: This paper aims to present a study of the work *Sobrevivendo no Inferno*, by the Racionais Mc's, and its relationship with the concept of subaltern reason (MIGNOLO, 2003) from the biographical border critique (NOLASCO, 2010). The work of Racionais Mc's was written in the 1990s, marked by organized violence directed at the marginalized black population, in events such as the Carandiru Massacre and the Candelária Massacre. Within this context, the rap group identifies in its lyrics the management of misery through violence and emerges in the national cultural scene, awakening a generation that saw itself with no way out and working in the process of self-recognition of the Brazilian peripheries, reaching its aesthetic and critical maturity with the release of *Sobrevivendo no Inferno* in 1997, which was later transcribed into

¹ Acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol; bolsista PIBIC, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco – UFMS. membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) - CNPq/UFMS. ORCID: 0009-0009-6262-5202.

² Doutor em Literatura Comparada – UFMG. Pós-doutorado em Cultura - UFRJ, docente PPGEL/FAALC/UFMS. Coordenador do NECC - CNPq/UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X.

poetry format in 2018, by professor Acauam Silvério de Oliveira. Thus, starting from the concept of subaltern reason (MIGNOLO, 2003, p. 139) and in the light of the biographical frontier criticism (NOLASCO, 2010) we aim to reflect the emergence of the Racionais Mc 's intellectuals in the Brazilian cultural scene from their biolocus (SOUZA, 2021) and their autobiographical writing. The cut of this theorization counts on the following works: *Narrativas Impuras* (2021) by Eneida Maria de Souza, *Histórias locais/projetos globais* (2003) by Walter D. Mignolo, *Sobrevivendo no Inferno* (2018) by Acauam Silverio de Oliveira/ Racionais Mcs, and *CADERNO DE ESTUDOS CULTURAIS* (2010).

Keywords: Racionais Mcs; *Surviving in Hell*; subaltern reason; borderline biographical critique.

“Eu vou mandar um salve pras comunidades do outro lado do muro.
As grades nunca vão prender nosso pensamento, mano.”
(OLIVEIRA, 2018, p. 135)

O presente trabalho tem por objetivo pensar a partir da obra dos intelectuais da margem, Racionais Mc 's, assim como eles, apelando incessantemente pelo pensamento em sua obra. O que exploraremos aqui é a forma como os autores defendem seu direito de pensar sem excluir seu lócus enunciativo e registrando o mesmo de forma autobiográfica em toda sua obra, assim como nós pesquisadores, os intelectuais almejam pensar geo-politicamente a fim de sobrepôr os legados coloniais que sentimos no corpo e *escrevivenciar* nossas fronteiras geopolíticas por meio de uma epistemologia outra.

A obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997) do grupo de rap Racionais Mc 's, a partir de seu lócus periférico e fronteiriço e de seu bios marginalizado e marcado pelos muros dos legados coloniais, enuncia uma mensagem que apela para a “racionalidade” de seus destinatários. A racionalidade presente em sua intitulação conversa com o apelo escrito em sua obra, afinal, o lugar relegado a esses intelectuais geopoliticamente representa a subalternização, a exclusão, a marginalização do sujeito e sua redução à categoria animalésca de irracionalidade. Assim, a presente conversa será conduzida à luz da teorização fronteiriça (MIGNOLO, 2003), da crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2010) e feita a partir da obra e sua relação com a razão subalterna (MIGNOLO, 2003).

Nessa missão, é importante postular que toda a estética dessa obra e sua individualidade são compostas por uma dita emergência, emergência de pensar, de falar e de ser escutado. Por esse motivo, o rap, ritmo musical provido de uma mescla de

demandas intelectuais e geo-políticas da subalternidade, organiza-se nessa representação artística e torna-se o meio escolhido, não aleatoriamente, para esse feito.

A década de 1990 no Brasil foi palco de diversos eventos de violência organizada contra pessoas negras e periféricas. Constata-se que esses eventos caracterizam uma estratégia estatal de gerenciamento da miséria por meio da violência. Paralelamente, no final do século XX o pensamento crítico, subalterno e fronteiriço, também assumiu uma configuração de prática de oposição na esfera pública, representando a partir dali uma transformação teórica e epistemológica. Essa transformação permitiu que intelectuais do dito “Terceiro Mundo” estejam hoje, a partir de suas respectivas fronteiras, empreendendo o processo de pensar sua existência enquanto re-existem à dominação colonial e às configurações da atualidade. Assim, a obra *Sobrevivendo no Inferno* pode ser lida como um ensaio autobiográfico de uma geração, escrevendo, inscrevendo e ecoando a história e alma de um *lócus*, o eixo periférico, a “favela”, na qual os intelectuais autorreconhecem em seus corpos e em suas escritas.

A mudança de paradigma trazida pela pós-colonialidade caracteriza a razão subalterna, definida por Mignolo (2003) como:

Aquilo que surge como resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos, desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial.

Dessa forma, a razão subalterna nasce a partir desse novo panorama epistemológico pós século XX, no qual a América Latina deixa de ser estudada e passa a ser produtora de conhecimento, como cita Mignolo (2003) "O pensamento pós colonial se inicia quando os intelectuais do Terceiro Mundo já chegam à academia do Primeiro Mundo" reconceitualizando as histórias narradas, surge a necessidade epistêmica de reagir aos legados coloniais e o intelectual do Sul passa a fazer críticas ao sistema mundial/colonial moderno contidas na razão subalterna.

Para o intelectual subalterno, pensar a partir de seu biolócus (NOLASCO, 2010) é uma negociação de sua existência epistêmica, física e geográfica. Assim, a preferência do grupo de rap composto por Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves), Dj KL Jay (Geraldo Lelis Simões), Mano Brown (Pedro Paulo Soares), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador) em se intitularem "Racionais Mc 's" contém em si um desejo de resistir à marginalização ao qual seus corpos físico-epistêmicos são expostos pela colonialidade.

Portanto, segundo Mignolo (2003), “Não é tanto a condição histórica pós-colonial que deve reter nossa atenção, mas a *loci* pós-coloniais de enunciação como formação discursiva emergente e como forma de articulação da racionalidade subalterna”, nesse ínterim, o álbum *Sobrevivendo no Inferno* enuncia uma formação discursiva que emerge do rap, ritmo musical próprio de seu lócus, articulando a reflexão que o grupo desperta nas periferias brasileiras.

Ao se tratar da razão subalterna relacionada ao grupo de rap, também se compreende seu meio de propagação, alcance e emergência. Para tanto, pensamos em dois sentidos para a palavra *emergência*, em primeiro caso pensa-se em emergência no sentido de emergir, como aquilo que surge e se manifesta. Em um segundo caso, podemos compreender a palavra emergência como algo que demanda a necessidade de execução imediata.

O pensamento subalterno se manifesta dentre os dois significados. Compreende-se a necessidade do pensar subalterno como um ato de re-existência epistemológica, e uma necessidade de se reconhecer enquanto sujeito fronteiriço periférico. As transformações da atualidade propiciam que a razão subalterna se manifeste nos dois sentidos na obra *Sobrevivendo no Inferno*, compreende-se o caráter de resistência epistemológica presente nas letras e a crítica voltada para a urgência da condição subalterna dos intelectuais, paralelamente, a obra emerge se manifestando em seu ambiente e alcançando outras fronteiras.

Dessa forma, a obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997) reivindica seu espaço artístico na cultura, assim como nós intelectuais da fronteira sul contestamos nosso espaço intelectual na hodiernidade. A emergência da obra *Sobrevivendo no Inferno* carrega em si uma impressão da razão subalterna, uma necessidade de reconceitualizar seu biólócus (NOLASCO, 2010) e narrar sua própria história. O apelo feito pelos intelectuais chama aqueles que partilham do mesmo espaço sócio-geográfico para o despertar, refletindo em uma geração as inscrições da colonialidade em seus corpos. O movimento revela a emergência que o grupo tinha de resistir às marcas da colonialidade e se reconhecer enquanto seres pensantes.

Esse despertar refletiu com o impacto do álbum de rap nas periferias brasileiras, o reconhecimento radical exposto na obra confrontou uma geração de jovens marcados pela colonialidade, com o discurso “Descanse seu gatilho/ descanse o seu gatilho/ Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho” (RACIONAIS MC`S, 1997, s/p, Fórmula mágica da paz). A criação de novos significantes para a já desgastada e conhecida

realidade do sujeito periférico expôs sua condição marginalizada imposta pelo sistema mundial/colonial/moderno, ao mesmo tempo em que reafirmou sua condição, armando-se de sua subalternidade para superar as grades epistemológicas.

A criação desse novo paradigma de racionalidade emergiu entre as fronteiras, pois a reafirmação das marcas coloniais feita na obra transborda o seu espaço geográfico e alcança os corpos de outros sujeitos contidos nessa condição. Essa emergência foi o fator que alavancou a obra além das instâncias hegemônicas da modernidade e possibilitou que a mesma esteja sendo estudada hoje por intelectuais da fronteira.

Assim, algumas características da obra destacam-se nessa busca-retrato da lógica subalterna, três delas são: o autorreconhecimento, a reconceitualização da periferia, e a necessidade de re-existir. O processo de autorreconhecimento são os intelectuais reconhecendo as questões que permeiam sua realidade de forma radical, ao se denominarem ao longo da obra como "marginais", "revolucionários", "insanos" e por fim "Racionais", como no trecho da música Capítulo 4, versículo 3 (RACIONAIS MC'S, 1997):

 Talvez eu seja um sádico, ou um anjo, um marginal
 Ou juiz, ou réu, um bandido do céu
 Malandro ou otário, padre sanguinário
 Franco atirador, se for necessário
 Revolucionário, insano ou marginal
 Antigo e moderno, imortal.

Na obra, os mesmos registram que a condição de subalternização da qual foram expostos, a "irracionalidade", não é um fator determinante de sua existência, ainda que categorize seu pensamento. O marginal enquanto ser racional, carrega em seu pensamento as marcas da marginalidade, pois demonstra que a modernidade não é capaz de se infiltrar no pensamento subalterno, permeado por sua história. Ao afirmarem que podem ser bons ou maus e que se adaptam ao que é necessário, registra-se também uma teorização que critica sua condição social, demonstrando que comumente as categorizações feitas pelos grandes centros, colocando o sujeito periférico como insano ou marginal, representam como esses sujeitos reagem à sua condição.

Dessa forma, o que os Racionais Mc 's fazem é também o que os intelectuais da fronteira instituem, produzindo conhecimento a partir de seus corpos, os mesmos indissociáveis de sua escrita. O autorreconhecimento é, desta forma, um processo da

escrita biográfica que grafa a vida dos intelectuais no texto. A crítica biográfica fronteira registra a revolta dos intelectuais da margem, essa dita “rebeldia” é a resposta dada aos legados coloniais, inscrevendo seus corpos em sua arte.

A periferia retratada e assumida enquanto um lócus produtor de conhecimento na obra estabelece esse novo paradigma com o objetivo de mostrar que a favela é tão potente quanto os grandes centros, ao seu próprio modo. A reafirmação da identidade dos intelectuais supracitados trabalha no processo de reconceitualização de suas histórias, as perspectivas trazidas contam suas narrativas contrariamente à visão hegemônica e moderna, o corpo no texto e na sociedade, agora, tem voz.

As narrativas que envolvem a periferia e sua dinâmica social, sua dor, seu povo e seus anseios, foi contada pelos grandes centros, o que reduziu o povo periférico à irracionalidade e à selvageria, silenciando seus corpos epistemológicos. A reconceitualização é, assim, uma forma de apropriação de sua própria história; armando-se de sua condição, os intelectuais redigem suas narrativas, que são comuns aos corpos que ocupam o espaço geo-político da favela. A obra é marcada por trechos como “Você pode sair do gueto/ Mas o gueto nunca saí de você” (RACIONAIS MC’S, 2002, s/p, Nego Drama), revelando que a periferia é mais que um espaço geográfico, é um espaço que marca o corpo, registrando-se no indivíduo.

O último dos fatores primordiais é o que concerne à emergência citada no título, nesse caso, confere-se a emergência na necessidade imediata, na urgência. Os intelectuais expressam, repetidamente, que a sua condição social é uma emergência, referindo-se a colocação subalterna, e as alternativas modernas usadas na administração da existência indesejada de sujeitos periféricos na sociedade. A necessidade de re-existir frente às marcas da colonialidade é uma emergência para o grupo, que dizem “contrariar as estatísticas” e permanecem lutando intelectualmente por suas existências físicas-epistemológicas.

Assim, a relação feita aqui, a partir do conceito de razão subalterna estabelecido por Mignolo (2003, p.127) elucidada, à luz da crítica biográfica fronteira, a aplicação de tal conceito à obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997) demonstrando de forma clara como tal relação se aplica intelectualmente. A razão subalterna é composta, então, por todos os intelectuais que habitam a fronteira, nós pesquisadores, empenhados em produzir conhecimento, nos deparamos com os impasses dos legados coloniais que são marcados em nossos corpos.

A teorização empenhada na obra dos intelectuais é desenvolvida frente à razão subalterna e emergente a partir dela. Segundo Mignolo (2003, p.135) “[...] Sugiro que razão subalterna seja entendida como conjunto diverso de práticas teóricas emergindo dos e respondendo aos legados coloniais na interseção da história euro-americana moderna.”. Dessa forma, compreendemos que o fator de criação provém da necessidade de reconceitualizar suas histórias enquanto respondem às marcas deixadas pela colonialidade, e a emergência da obra é dada pelo fator comum entre as histórias dos intelectuais e dos demais corpos que habitam os espaços periféricos.

Como Walter D. Mignolo (2003) postula ao iniciar o segundo capítulo de seu livro *Histórias locais/ projetos globais* (2003), a primeira versão do capítulo contava com o conceito de razão pós-colonial. Entretanto, esse conceito ficava restrito aos intelectuais que escrevem em inglês, fazendo-se necessário que tal conceito se reformulasse para uma *razão* que fizesse mais sentido para nós, intelectuais da fronteira.

Dessa forma, o conceito de razão subalterna representa o novo paradigma trazido pelos pensadores que emergem da subalternidade, como é constatado em meio à obra dos Racionais Mc`s, o “pensamento marginal” surge como uma opção de re-significação e re-existência.

Sabemos que a racionalidade do povo da fronteira é constantemente exposta aos paradigmas hegemônicos e às marcas da colonialidade, o pensamento produzido a partir da margem, no final do século XX e agora, revela que o reordenamento da geopolítica do conhecimento é uma realidade que transformou nossa forma de produzir e recepcionar os intelectuais do “Terceiro mundo”.

Assim, os intelectuais que carregam no nome a condição de Racionais representam para nós um ponto de significação para a dita “razão subalterna”, assumindo o que os próprios postulam como “pensamento marginal”, empenhando sua caminhada em um esforço contínuo pela sobrevivência, que também se faz presente no título de sua obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997). A razão subalterna marginal é, por fim, um passo no caminho da libertação.

Referências

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. Campo Grande, **CADERNO DE ESTUDOS CULTURAIS**, v.2 n.4, p. 25-34, jul./ dez. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. **Narrativas Impuras**. Recife: Ed. Cepe, 2021.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **Sobrevivendo no Inferno/ Racionais Mc 's**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RACIONAIS MC 'S, **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Costa Nostra Fonográfica, 1997.